

**RESENHA CRÍTICA****CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA**

STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus Oliva da (Orgs.). *Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional [recurso eletrônico]*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: <https://www.editorafi.org/506religioa>. Acesso em: 24 de jun. 2025.

Cídio Lopes de Almeida

[sem revisão por pares; notas de estudos pessoal]

Os textos apresentados exploram a Ciência da Religião Aplicada (CRA), diferenciando-a da pesquisa básica e destacando sua relevância prática. Vários autores discutem a necessidade de que cientistas da religião atuem em questões sociais, como a intolerância religiosa, a saúde e o ensino. O debate central gira em torno da objetividade e neutralidade na pesquisa, com alguns defendendo uma abordagem mais engajada na promoção de valores como tolerância e paz, enquanto outros enfatizam a importância da distância acadêmica para manter a integridade intelectual da disciplina. Há um foco particular na aplicação da CRA no campo da saúde, abordando a integração da espiritualidade no atendimento a pacientes, e no ensino religioso, defendendo a capacitação de profissionais da Ciência da Religião para ministrar a disciplina de forma laica e não confessional.

**Anotações/resenha da obra**

A obra, intitulada "Ciência da Religião Aplicada: Ensaios pela autonomia e aplicação profissional", é um livro organizado por Fábio L. Stern e Matheus Oliva da Costa, publicado pela Editora Fi em 2018. Trata-se de um marco na ciência da religião brasileira e internacional, que busca responder a uma demanda essencial para os graduados na área: com o que trabalhar após a conclusão do curso?.

O livro reúne e amplia discussões apresentadas nas duas primeiras edições do Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA), realizadas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em março de 2017 e março de 2018. Ele explora a distinção entre ciência base (teórica) e ciência aplicada (prática), uma discussão que remonta às universidades medievais, mas que ainda é considerada novidade no campo da Ciência da Religião, que historicamente se manteve fortemente academicista e focada quase que exclusivamente na pesquisa.

**Conceitos Chave e Debates Centrais**

Ciência Base vs. Ciência Aplicada. A obra destaca que a ciência base é predominante em mestrados e doutorados acadêmicos, focada na pesquisa e construção de saberes, enquanto a ciência aplicada é o principal foco de graduações, especializações

e mestrados profissionais, visando a formação profissional. Roll-Hansen, citado na obra, defende que a clareza sobre essas duas esferas interdependentes é crucial para o desenvolvimento de políticas científicas que beneficiem tanto a comunidade científica quanto a sociedade.

Sinônimos "Aplicada" e "Prática". Os organizadores mencionam que, para os propósitos da introdução, "aplicada" e "prática" são usados como sinônimos, embora reconheçam que alguns autores, como Frank Usarski no próprio livro, discordam, preferindo apenas o termo "ciência aplicada". O termo "ciência prática da religião" também foi historicamente utilizado pela teologia europeia com fins missionários e proselitistas, o que levou alguns autores internacionais a desgostarem do termo.

Desafios no Brasil. No Brasil, a Ciência da Religião ainda é fortemente academicista e focada na pesquisa. Os primeiros cursos de graduação surgiram para formar professores para o ensino religioso escolar não confessional, mas muitos graduados reduzem a Ciência da Religião a uma licenciatura em ensino religioso, desconectada da sua ciência base. Isso resulta em currículos de graduação que frequentemente ignoram a história da disciplina, autores clássicos e noções metodológicas básicas, além de negligenciarem os bacharéis da área em termos de atuação profissional. Há uma dificuldade em pensar a Ciência da Religião como ciência aplicada, e um desconhecimento da interdependência entre ciência base e ciência aplicada, dificultando o amadurecimento do ramo aplicado.

Distinções Cruciais. O livro ressalta três pontos importantes a serem considerados na aplicação da Ciência da Religião.

Não confundir a aplicação da Ciência da Religião com a aplicação da religião. A utilização do termo "Ciências da Religião Aplicada" no plural, por exemplo, pode ilustrar essa confusão, sugerindo a aplicação da religião em vez da ciência. Ao discutir a aplicação à saúde, a proposta é usar saberes científicos para atender demandas de espiritualidade que profissionais da saúde não estão treinados para suprir, e não levar curas religiosas aos hospitais.

Não confundir pesquisa aplicada com ciência aplicada. A pesquisa aplicada, que utiliza um método para construir mais saberes, ainda se mantém no domínio da ciência base, não adentrando a dimensão da ciência aplicada. O livro aponta que muitas obras, como o *Compêndio de Ciência da Religião* de 2013, embora pioneiras, tendem a tratar a aplicação no contexto da pesquisa aplicada, sem focar em atuações profissionais concretas.

Maior identificação da Ciência da Religião como área de formação profissional e acadêmica. Há uma tendência entre graduados e pós-graduados em Ciência da Religião de não se reconhecerem como cientistas da religião, mas sim por suas formações originais (historiadores, pedagogos, filósofos, advogados, etc.), o que fragiliza o desenvolvimento profissional da área.

Estrutura Temática da Obra: Para fomentar a reflexão e o desenvolvimento profissional, os capítulos são divididos em blocos temáticos:

- **Bloco Teórico:** Discussão epistemológica sobre o "porquê e para quê" aplicar a Ciência da Religião.
- **Planos de Aplicação Inovadores:** Propostas de aplicação da ciência da religião que são consideradas inovadoras.
- **Atuação na Área da Saúde:** Três textos abordam modos práticos de cientistas da religião atuarem na área da saúde, direta ou indiretamente.
- **Profissionalização:** O último bloco debate a profissionalização, incluindo a aplicação ao ensino religioso escolar e o caso da ACREPA (Associação dos Cientistas da Religião do Pará).

### Principais Contribuições dos Capítulos:

Ciência da Religião e Profissionalização (Alex Mendes). A profissionalização é um desafio, e a Ciência da Religião no Brasil não é socialmente reconhecida como campo de trabalho além da docência. Discute o debate entre "Ciência da Religião" (singular, autônoma com metodologia própria) e "Ciências da Religião" (plural, estudos sobre religião de várias ciências humanas). A escolha do plural é vista como uma forma de loteamento do campo por outras ciências humanas e teologia, impedindo a autonomia da CR.

Apointa para a exclusão de cientistas da religião em sua própria área de atuação, inclusive em programas de pós-graduação, onde doutores em teologia e outras áreas são maioria. Sugere a necessidade de inventariar novas possibilidades de atuação profissional na sociedade, além do ensino e pesquisa, como consultoria empresarial e governamental, ou atuação na mídia. Propõe o fortalecimento da área (aumento de cursos de graduação, vinculação do ensino religioso à CR, estudo da história da disciplina) e a criação de novas áreas (consultoria legislativa, assessoria em assuntos religiosos). Discute a resistência de outros setores da sociedade em aceitar especialistas em religião para lidar com o fator religioso, dada a penetração de instituições religiosas no governo.

Ciência Prática da Religião (Udo Tworuschka). Apresenta a "ciência prática da religião" (CPR) como um novo ramo da Ciência da Religião, ao lado dos estudos históricos e sistemáticos. A CPR combina a busca pela verdade científica com a utilidade prática, focando em problemas reais da "vida mundana" e buscando a intervenção para a criação de uma realidade melhor e emancipada. Menciona pesquisadores como Gustav Mensching, Mircea Eliade, Wilfred Cantwell Smith e Ninian Smart, que defenderam a relevância prática e pública da Ciência da Religião. Defende a "renúncia da neutralidade de valores" e a "abertura ao transcendente", em contraste com o naturalismo metódico predominante. A CPR se norteia por princípios como a unidade da realidade, a hermenêutica da confiança, a "questão aberta", e a orientação para problemas e conflitos, visando a paz e a justiça. Argumenta que a Ciência da Religião tem um papel educacional na promoção do diálogo inter-religioso e na formação de mediadores.

Reflexões sobre os Equívocos da Ciência Prática da Religião e sua Alternativa (Frank Usarski). Critica a proposta de Tworuschka por considerar que ela "deixa a desejar" em adequação epistemológica e coerência lógica, e pode ser "disfuncional" para manter o perfil próprio da disciplina no Brasil. Usarski argumenta que muitas das características atribuídas à CPR (interdisciplinaridade, estudo de práticas cotidianas) não são novas e já são constituintes da Ciência da Religião "convencional". O ponto de ruptura de Tworuschka está na proposição da CPR de desenvolver normas e tarefas organizacionais para uma ação sociopolítica e intervir em "problemas urgentes induzidos pelas religiões". Usarski enfatiza a necessidade da Ciência da Religião manter o compromisso com a descrição objetiva e a análise dos dados levantados em uma atitude norteada pelo princípio de indiferença ideológica, também conhecido como ateísmo metodológico ou agnosticismo metodológico.

Ele distingue os contextos de descoberta, justificação e utilização do conhecimento científico. A fase de justificação exige a "domesticação" da perspectiva pessoal e a fidelidade aos fatos, em um isolamento relativo das esferas sociais. Propõe o termo Ciência da Religião Aplicada como alternativa, para evitar confusões com a CPR de Tworuschka, e reconhece que a atuação pragmática do saber acadêmico ocorre em um ambiente distinto daquele em que o conhecimento foi produzido. A contribuição da Ciência da Religião para a sociedade pode ocorrer de forma implícita, como a "tensão com os fiéis" (quando resultados científicos confrontam autoconceitos religiosos) e a "advocacia involuntária" (quando a descrição aprofundada de um fenômeno religioso contribui para uma imagem mais justa na sociedade, sem intenção de *advocacy*).

Ciência da Religião no Brasil: Ensaio para a Autonomia Afirmada e a Expansão do Horizonte Prático de Atuação (Omar Lucas Perroux Fortes de Sales e Clóvis Ecco). Reiteram a necessidade de consolidar a Ciência da Religião como ciência autônoma, diferenciando-a da Teologia, embora compartilhem o objeto de estudo. A Ciência da Religião, por sua abordagem objetiva e imparcial, é pertinente para analisar a dinâmica social e religiosa, sendo um campo de conhecimento que ajuda a compreender o ser humano e as sociedades. Enfatizam o caráter interdisciplinar da Ciência da Religião e a necessidade de seguir as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) para pesquisas com seres humanos, adotando uma postura de "ateísmo metodológico".

Destacam a importância da Ciência da Religião para lidar com problemas contemporâneos como a intolerância religiosa, propondo a criação de observatórios regionais do fenômeno religioso para mapear, dissecar e discorrer cientificamente sobre as manifestações religiosas no Brasil. Esses observatórios visam formar profissionais, produzir estudos, prestar assessoria a governos e instituições, e promover o trabalho conjunto entre programas de pós-graduação.

Uma Experiência com Palestras e Cursos Livres (Ricardo Assarice dos Santos). Relata a experiência de oferecer palestras e cursos livres sobre temas religiosos (ex: Ayahuasca) como forma de atuação profissional alternativa para cientistas da religião. Destaca a importância de atentar para a natureza do discurso (agnosticismo metodológico, não confessional), adaptar-se ao público (acadêmicos vs. leigos), cuidar da infraestrutura e investir em publicidade e divulgação (internet, redes sociais). Considera que essa atividade contempla os objetivos da Ciência da Religião Aplicada, gerando conhecimento útil e utilizável.

Cientista das Religiões como Profissional da Área da Saúde (Ana C. Mariani e Matheus Oliva da Costa). Defendem que cientistas das religiões devem atuar na área da saúde, que necessita de profissionais com suas expertises para lidar com questões espirituais/religiosas dos pacientes. Apontam que a Organização Mundial da Saúde (OMS) já incluiu a dimensão "espiritual" como significativa para a qualidade de vida, mas profissionais da saúde não estão suficientemente preparados para lidar com isso. Apresentam exemplos clínicos e de sermões de médicos que ilustram a necessidade de abordar a dimensão cultural-religiosa.

Sugerem que cientistas das religiões atuem como consultores para equipes de saúde, ministrem programas de educação permanente e integrem equipes multidisciplinares (como o NASF no SUS). Procuram distinguir entre "religião" e

"espiritualidade" no contexto da saúde, notando a preferência dos cursos de saúde pelo termo "espiritualidade" devido a códigos de ética que proíbem interferências religiosas.

Morte, Religião e Políticas Públicas de Saúde (Clarissa De Franco e Valéria Rocha Torres). Argumentam pela inserção de cientistas das religiões em espaços de discussão e formulação de políticas públicas de saúde focadas no enfrentamento da morte. A morte é vista como um fenômeno que gerou sistemas religiosos e filosóficos, mas a sociedade contemporânea apresenta um "empobrecimento simbólico e ritualístico" do luto devido à secularização e medicalização. Ressaltam que as religiões ainda oferecem sentido à experiência da morte e luto, e que o silêncio sobre conteúdos religiosos nesse contexto contribui para o adoecimento. Cientistas das religiões, com sua formação interdisciplinar e sem restrições teológicas/doutrinárias, são os profissionais mais habilitados para trabalhar as correlações entre morte, religiosidade e saúde, auxiliando na elaboração do luto e na construção de significados saudáveis.

Cientista da Religião como Docente para Unidades de Aprendizagem de Espiritualidade e Saúde (Fábio L. Stern). Baseado em sua experiência na UNISUL, Stern defende que cientistas da religião são os profissionais ideais para ministrar disciplinas de "Espiritualidade e Saúde" em cursos da área da saúde, dada a crescente demanda e a inaptidão dos profissionais de saúde para lidar com o tema. Aborda a origem e as problemáticas da definição de espiritualidade pela OMS, que considera eurocêntrica e insuficiente para identificar elementos puramente espirituais sem serem religiosos. Detalha sua experiência de ensino na UNISUL, adaptando o currículo para incluir uma perspectiva da Ciência da Religião, apesar das limitações de carga horária e da bibliografia original. Observou que os alunos, ao final, reconheceram a importância da dimensão religiosa para o processo terapêutico.

Ciência da Religião Aplicada ao Ensino Religioso (Rodrigo Oliveira dos Santos). Discute o papel central da Ciência da Religião para o Ensino Religioso (ER) no Brasil, especialmente no contexto da educação formal, pública e laica. A CR, com seu ideal de neutralidade (agnosticismo metodológico), permite abordar as religiões como fenômeno antropológico universal, sem questionar suas verdades, o que a torna pertinente para o currículo escolar. Apresenta a ACREPA (Associação dos Cientistas da Religião do Estado do Pará) como um exemplo bem-sucedido de luta pela empregabilidade e reconhecimento profissional dos licenciados em CR, especialmente para o ER. Detalha as conquistas da ACREPA, como a exigência de formação em CR para professores de ER em concursos públicos no Pará e a participação na elaboração do currículo de ER na Base

Nacional Curricular Comum (BNCC). Menciona experiências concretas de aplicação da CR em projetos de ER, como ações de combate à intolerância religiosa e ao racismo em escolas no Marajó.

As Conquistas da ACREPA na Efetiva Empregabilidade de Cientistas das Religiões no Pará (Suellen de Fátima Pereira Bahia e Rodrigo Oliveira dos Santos). Complementa a visão do capítulo anterior, focando nas estratégias e sucessos da ACREPA na luta por vagas e reconhecimento para licenciados em CR no Pará. Descreve como a ACREPA utilizou a legislação (LDB) e a mediação do Ministério Público para impulsionar concursos públicos para a área de ER com exigência de formação em CR. Enfatiza a importância da fiscalização da ACREPA para garantir que as vagas fossem preenchidas por profissionais com a formação adequada. Destaca a atuação da ACREPA na formação e atualização docente para ER e sua contribuição para a elaboração do currículo de ER.

Entrevista com Fábio L. Stern (Suellen de Fátima Pereira Bahia). Fábio L. Stern, co-criador do SEMCREA, discute a questão do plural ("Ciências da Religião") versus singular ("Ciência da Religião") e suas implicações para a autonomia e o reconhecimento profissional da área no Brasil. Ele defende o singular, associando o plural a tentativas de apaziguamento de disputas com outras humanidades e a uma diluição da identidade da CR. Critica a falta de priorização de cientistas da religião de formação em concursos da própria área e a falta de leitura de autores clássicos da disciplina por muitos formados. Expressa frustração com a fragmentação e falta de consciência de classe entre os cientistas da religião brasileiros, que dificultam a unificação na luta por espaço profissional. O SEMCREA é um espaço para semear novas ideias de aplicação da Ciência da Religião, além do ensino religioso, em áreas como saúde, jornalismo, políticas públicas, e na reformulação curricular das graduações.

Reitera a importância do agnosticismo metodológico como fronteira disciplinar, que ignora alegações de verdade última das religiões sem confirmá-las ou refutá-las, focando no empiricamente observável.

Em suma, a obra "Ciência da Religião Aplicada" é uma coletânea que aborda a urgência da profissionalização do cientista da religião no Brasil, para além do ambiente acadêmico e da docência. Através de diversos ensaios e uma entrevista, o livro explora tanto os fundamentos epistemológicos da aplicação da Ciência da Religião quanto propostas concretas de atuação em áreas como saúde e ensino religioso, além de discutir os desafios conceituais e políticos enfrentados pela disciplina para afirmar sua autonomia

e relevância social. A obra demonstra a complexidade e o potencial da Ciência da Religião em contribuir para a sociedade, ao mesmo tempo em que destaca a necessidade de os próprios profissionais da área fortalecerem sua identidade e unificarem suas lutas.